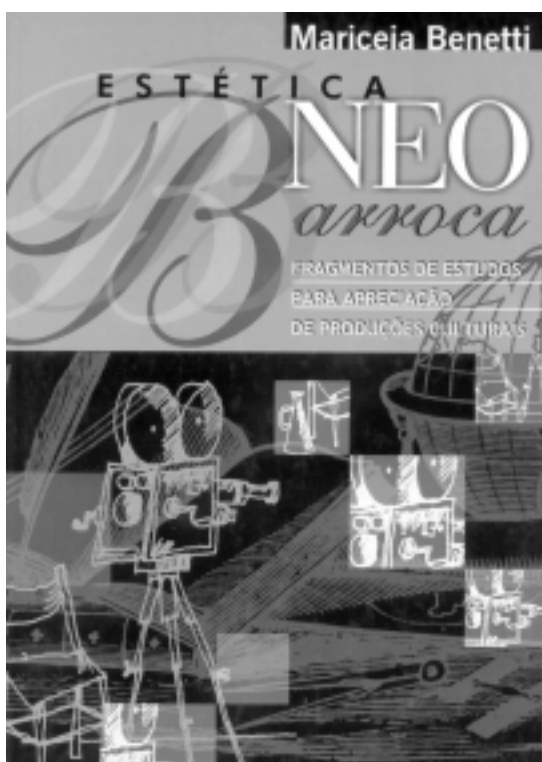


Da estética neobarroca: fragmentos de estudos para apreciação de produções culturais*



A PESQUISA EM COMUNICAÇÃO, cada vez mais, recruta temas e articulações inusitadas, polimorfos, díspares. A abrangência e relevância da área, o dito poder exercido pelo midiático, a mistura entre real, virtual e imaginário, suscitam jogos interpretativos que se estendem desde a crise do paradigma logocêntrico até a mais nova crise do conceito de representação.

Desde que a estética pós-pós-industrial precisou repensar seu próprio produto e o fez pela ótica da recuperação do fragmento, pela ruptura das formas e sua reintegração, pela mistura de vozes e de tons, pela visão descentralizada do espaço, pela mescla dos tempos e, sobretudo, pela reescritura de deuses e mitos, tal estética surge como um amplo pano de fundo, onde as marcas coletivas e individuais se inscrevem.

Mediante o híbrido presente eternamente presentificado, a *morte do sujeito*, uma *cultura do simulacro*, a *sociedade do espetáculo*, a *arte do pastiche*, da bricolagem e do repetitivo faz-se necessário e urgente buscar uma estratégia de leitura, uma prática crítica que dê conta de todo este ambíguo tecido repleto de significações tantas vezes por demais óbvias, tantas vezes por demais recobertas de obtusas e complexas configurações.

Em seu texto de estréia, na verdade uma releitura mais concisa e aguçada de sua dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Comunicação da FAMECOS/PUCRS, Maricéia Benetti se expõe e, ao se expor, provoca em seus leitores reações no mínimo curiosas e,

Eliana Pibernat Antonini**

Profa. Dra. PPGCom / PUCRS

sobretudo provocativas. Disposta a dialogar com teóricos do porte de Walter Benjamin, I.Kant, C.S.Peirce, os coteja com os contemporâneos Umberto Eco, J.Culler, G.Vattimo, elegendo o discípulo de Eco, Omar Calabrese como seu condutor no passeio inferencial que faz da desconstrução belíssima de Baz Luhrmann em seu *Romeo + Julieta*. Tendo o texto shakespereano por base, Benetti vai, pouco a pouco, revelando os descaminhos de uma análise semiótico-textual. E avança...até encontrar o patamar semiótico-enunciativo, revelando os simulacros da construção do pretenso narrador, do pretenso receptor.

Assim, a autora parece passear pelos bosques discursivos, verificando caminhos possíveis e inéditos, testando abduções criativas frente à genialidade que recupera dos ensinamentos de Walter Benjamim, teorizando então sobre o receptor deste produto neobarroco.

Vendo a experiência estética como coletiva e cotidiana, aponta para um receptor distraído, disperso, imerso na sociedade de massa. Julga-o como um *voyer*, um fruidor fugaz, que carrega em si, uma idéia distorcida da noção de áurea. Procura e consegue fazer emergir o sentido da tecitura complexa e pouco coerente do produto em estudo e questiona o fazer do sujeito – paradigma da ação quase à la Greimas – reafirmando a potencialidade do ensinamento peirceano da semiose ilimitada. O sentido, como se sabe, para Peirce/ Umberto Eco só acontece a partir da mediação interpretante. Face à experiência elaboramos conceitos comparativos para compreendê-la e, sobretudo, elegemos juízos abduativos. A autora os verifica e para agrado de seus futuros leitores, os modeliza na análise que faz do clássico de Shakespeare.

Concisa e produtiva, determinada em seus recortes, M. Benetti, nos dá um texto onde a função estética contemporânea emerge da ação do produtor ou do receptor, e se destaca como amostragem teórico-crítica de um conjunto de juízos dominado por forças contrárias e contraditórias, onde

a grande mola propulsora é o papel da transgressão do sentido que se projeta nos mundos possíveis da arte e da comunicação que a autora consegue desvendar.

Por tudo isto, acredito ser importante recomendar e sugerir a obra de Benetti como relevante para aportes e discussões que entendam o estético como uma das grandes investigações que, ao longo da grande história, revelaram o sujeito e sua relação com seus possíveis mundos imaginários, representados, mitificados...ou não. Talvez os leitores mais exigentes percebam várias lacunas – que, ao meu ver, seriam tão saborosas de preencher – mas estas mesmas lacunas dão ao texto uma certa leveza que o faz mais produtivo e menos dogmático, mais aberto a críticas e, logo, muito mais enriquecedor .

Nota

* De Maricéia Benetti, Editora da ULBRA, 2004, 119 p.

** Doutora em Teoria Literária a pela Universidade de São Paulo. Professora do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil.Pesquisadora junto ao CNPq dos processos de práticas significantes e realidade midiática.